

A memória coletiva e a história da editora Alfa-Omega

Gustavo Orsolon de Souza¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo mostrar um breve debate historiográfico sobre a memória coletiva, destacando sua importância para o trabalho do historiador. Para isso, serão destacados os principais nomes que se dedicaram ao tema: Maurice Halbwachs, Oliver Sacks, Michael de Pollak, Fernando Catroga e Joël Candau. Em seguida, o texto busca entender a memória coletiva como um conceito chave para refletir a história editorial. Neste contexto, será evidenciada a editora paulista Alfa-Omega, criada em 1973. A intenção, portanto, é fazer uma reflexão do conceito de memória coletiva e o uso desse conceito nos estudos que têm como temática a história editorial.

Palavras-chave: Memória Coletiva; Historiador; Editora Alfa-Omega.

The collective memory and the history of the Alpha-Omega publisher.

Abstract: This article aims to show a brief historiographical debate about collective memory, highlighting its importance for historian work. For this, the main references on this theme will be highlighted: Maurice Halbwachs, Oliver Sacks, Michael Pollak, Fernando Catroga and Joël Candau. Next, the text seeks to understand collective memory as a key concept to reflect editorial history. In this context, the São Paulo publisher Alfa-Omega - which was founded in 1973 - will be highlighted. Therefore, my intention is to make a reflection on the concept of collective memory and the use of this this concept in studies that have the editorial history as their theme.

Keywords: Collective Memory; Historian; Alfa-Omega Publisher.

Artigo recebido em 20/02/2019 e aceito em 10/11/2019

Introdução

Quando se pensa em história editorial, o conceito de memória se faz presente. Cabe ao historiador, através de sua sensibilidade profissional, perceber de que modo essa memória ganhará sentido, significado. Em outras palavras, como ela será analisada, construída, recordada, como se tornará presente no texto a ser produzido e divulgado. Portanto, esse artigo tem dois objetivos. O primeiro é fazer uma reflexão acerca da memória, mais especificamente da memória coletiva, observando a sua importância e contribuição para o trabalho do historiador. O segundo é verificar a memória coletiva a partir de uma área específica, a área da história editorial.

Assim, na primeira parte do artigo serão destacados alguns dos principais nomes que refletiram sobre a questão da memória. Vale ressaltar que o debate que será apresentado não tem a intenção de ser exaustivo ou mesmo conclusivo. Será uma reflexão da memória enquanto

A MEMÓRIA COLETIVA E A HISTÓRIA DA EDITORA ALFA-OMEGA

GUSTAVO ORSOLON DE SOUZA

conceito a ser pensado e utilizado pelos historiadores. Na segunda parte, o foco recai sobre o campo editorial, uma área que vem crescendo nos últimos anos e que utiliza bastante o conceito de memória. A escolha por esse campo se deve a um interesse particular, visto que venho desenvolvendo um projeto de doutorado que tem como temática uma editora paulista de esquerda chamada Alfa-Omega, que teve suas atividades iniciadas no ano de 1973^{II}.

A Alfa-Omega se destacou por publicar obras de esquerda em pleno regime militar no Brasil. Sua linha editorial, ousada para época, buscava atender principalmente alunos do curso de Filosofia da USP, editando títulos de vários professores da instituição. Seu livro de estreia foi a *Ideia Republicana no Brasil Através dos Documentos*, de Reynaldo Xavier Carneiro Pessoa, professor do Departamento de História da USP. Após a consolidação no mercado de livros, por volta de 1976, o fundador Fernando Mangarielo, abriu o leque das publicações, editando também títulos de outras áreas das ciências humanas.^{III}

Refletindo Sobre a Memória Coletiva...

O trabalho do historiador está diretamente ligado aos vestígios e as memórias, essas são suas ferramentas principais para se aproximar do passado. Aqui ficarei concentrado nas memórias, em particular, nas memórias coletivas. Pois são as memórias coletivas que influenciarão na memória individual. Portanto, um questionamento se faz aqui bastante pertinente: o que vem a ser a memória coletiva? Alguns estudiosos se dedicaram a esse tema.^{IV} O nome mais citado em trabalhos acadêmicos é o do sociólogo francês Maurice Halbwachs.

Segundo a socióloga Myrian Sepúlveda dos Santos, a obra de Halbwachs ofereceu forte atenção em relação à memória coletiva, sendo uma referência importante para a compreensão do tema. Halbwachs escreve em um momento – décadas de 1920 e 1930 - em que a memória era vista somente a partir da perspectiva do individual e, também em um momento em que as ciências humanas não se dedicavam muito ao tema da memória.^V

Embora já conhecido no meio acadêmico e autor de vários artigos, seu nome ficou marcado no ano de 1925 quando publicou o *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. De acordo com Santos, Halbwachs foi o “primeiro scholar a analisar de forma sistemática o caráter social da memória”.^{VI}

Em 1950, cinco anos após a sua morte, foi publicado na França *Le Mémoire Collective*, traduzido algum tempo depois para o português como *A Memória Coletiva*. Neste livro, como o próprio título sugere, Halbwachs evidencia as memórias coletivas. Ele afirma que as nossas lembranças e reflexões não são puras, ou seja, o nosso pensamento está sempre atrelado ao outro.^{VII} Às vezes, nem percebemos, acreditamos que a lembrança é uma referência nossa, única. Mas seu posicionamento é bem claro:

Acontece com muita frequência que nos atribuímos a nós mesmos, como se elas não tivessem sua origem em parte alguma senão a nós, ideias, reflexões, ou sentimentos e paixões, que nos foram inspirados por nosso grupo... Quantas vezes exprimimos então, com uma convicção que parece toda pessoal, reflexões tomadas de um jornal, de um livro, ou de uma conversa... ‘Já tínhamos pensado nisso’: nós não percebemos que não somos senão um eco.^{VIII}

O sociólogo nos mostra que todo o meio social influencia diretamente no comportamento e nas reflexões do indivíduo, ou seja, na memória individual. O exemplo dado, como o jornal e o livro, são ferramentas importantes que agem na forma de pensar. O que é reproduzido e exprimido pelo indivíduo - a partir dessas duas ferramentas - não é algo ingênuo, pelo contrário, como ele mesmo afirma é um “eco” do que foi incorporado.

A MEMÓRIA COLETIVA E A HISTÓRIA DA EDITORA ALFA-OMEGA

GUSTAVO ORSOLON DE SOUZA

O exemplo do jornal e do livro foi apenas uma forma de exemplificar. Tantas outras ferramentas podem ser pensadas como, por exemplo, a televisão e as redes sociais, que são instrumentos de influência muito forte nos dias de hoje entre as pessoas. A opinião construída e transmitida por esses veículos de comunicação rapidamente chega às casas dos telespectadores deixando a sua marca. E essa carga de informações, já previamente construídas, influenciará diretamente no ecoar individual.

O professor e neurologista Oliver Sacks traz uma reflexão que complementa a interpretação de Halbwachs. Em seu trabalho, *O Rio da Consciência*, publicado em 2017, Sacks também destaca que as lembranças do indivíduo resultam de sua interação com o meio. Em suas palavras, “todos nós transferimos experiências em algum grau, e às vezes não sabemos bem se uma experiência foi algo que nos contaram ou se lemos a respeito dela, ou se alguma coisa que nos aconteceu de verdade”.^{IX} Assim como Halbwachs, Sacks percebe que a expressão do indivíduo é fruto do que foi apropriado.

Essa apropriação faz com que o indivíduo possa se confundir, e acreditar que as lembranças que venham a relatar sejam só suas. Essa é uma questão muito importante e que deve ser levada em consideração, principalmente pelos historiadores que tratam das memórias a partir dos testemunhos. O historiador deve ter o cuidado - aí entra a sua sensibilidade - para saber lidar com esses relatos embebidos de apropriações feitas ao longo da vida, ou seja, apropriações vinculadas à memória coletiva.

Ainda de acordo com Sacks, não é possível que qualquer acontecimento que ocorra no mundo possa entrar diretamente no cérebro humano. Os acontecimentos vividos são “experimentados” e “construídos”, e apropriados de forma diferente em cada indivíduo.^X Nesse sentido, podemos pensar que o historiador pode se deparar com dois relatos completamente diferentes sobre um mesmo episódio, dependerá de como tal evento foi “experimentado” e “construído” a partir dos grupos com os quais as testemunhas se relacionaram.

Pensando essa questão de grupos com os quais o indivíduo se relaciona, o sociólogo austríaco Michael de Pollak é um nome conhecido, e já expôs de forma bem eficiente essa questão. Um de seus trabalhos, o artigo intitulado “Memória e Identidade Social”, publicado na revista *Estudos Históricos* em 1992, pode ajudar a compreender melhor esses grupos de pertencimento que influencia a memória individual. Vale destacar que Pollak referencia Halbwachs, destacando a importância de seu estudo e de seu posicionamento sobre as memórias coletivas. Mas ele traz um dado novo, que soma a interpretação de Halbwachs. O sociólogo levanta uma questão interessante: “quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva?”.^{XI}

Em resposta ao questionamento, o sociólogo traz duas formas de como a memória se apresenta. Ele afirma que, primeiramente, a memória é constituída a partir dos “acontecimentos vividos pessoalmente”. E, em segundo lugar, a memória se constitui também a partir dos “acontecimentos” no que ele chama de “vividos por tabela”.^{XII} Dizendo com outras palavras, o que Pollak afirma é que a memória se constrói a partir daquilo que o indivíduo vive de forma mais particular e daquilo que é vivido através dos grupos com os quais esse indivíduo interage, o que ele chama de “vividos por tabela”.

Em artigo mais antigo – “Memória, Esquecimento, Silêncio” - publicado na mesma revista, em 1989, Pollak afirma que “a memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar”, está diretamente relacionada a um esforço de manter vivos os sentimentos que envolvem os indivíduos e a sociedade. O autor destaca que esses sentimentos podem ser mais bem entendidos quando se observa instituições como, “partidos, sindicatos, igrejas, aldeias”, que se mantêm unidos e coesos a partir de uma memória passada, construída e solidificada ao longo tempo pelos os indivíduos.^{XIII}

A MEMÓRIA COLETIVA E A HISTÓRIA DA EDITORA ALFA-OMEGA

GUSTAVO ORSOLON DE SOUZA

Outro especialista que segue essa mesma linha de interpretação e que vem reforçar essa relação do indivíduo com os grupos é o historiador português Fernando Catroga no seu livro intitulado *Memória, História e Historiografia*, publicado em 2001. Catroga também concorda que a memória individual se constitui a partir dos grupos com os quais o indivíduo se relaciona ou está inserido.

A memória individual é formada pela coexistência, tensional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc.) em permanente construção devido à incessante mudança do presente em passado e às consequentes alterações ocorridas no campo das *re-presentações* do pretérito.^{XIV}

A contribuição de Catroga vai além de mostrar que a memória do indivíduo está intimamente ligada aos grupos sociais aos quais ele faz parte. O historiador português afirma também que a memória é seletiva. Isso porque “ela não é um armazém que, por acumulação, recolha todos os acontecimentos vividos por cada indivíduo”, ou seja, para Catroga, a memória é a “retenção afectiva e ‘quente’ do passado feita dentro da tensão tridimensional do tempo”.^{XV} Isso significa que partes do que já passou não serão lembradas. Vale destacar que tal observação já havia sido feita pelo próprio Pollak, “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”.^{XVI}

Essa é outra questão merece atenção do historiador. Se a memória é seletiva, significa que alguma coisa ficará no esquecimento e, não será lembrada. Portanto, no seu trabalho, o historiador deve mencionar essas possíveis lacunas que inevitavelmente estarão presentes no contexto da memória.

Ainda seguindo esse debate de memória coletiva, destaco também o trabalho do antropólogo francês Joël Candau, intitulado *Antropologia da Memória*, publicado em 1996.^{XVII} Sua interpretação se difere um pouco dos demais especialistas até aqui apresentados. Vale ressaltar que o mesmo não desconsidera ou desqualifica os trabalhos defendidos anteriormente sobre memória coletiva. Mas sua interpretação traz uma singularidade importante que deve ser considerada.

Candau defende que cada indivíduo é único, portanto, cada cérebro terá a sua particularidade, embora existam características gerais que compõem as sociedades:

Pode-se afirmar sem riscos que existem configurações memoriais características de cada sociedade humana, mas, no interior, cada indivíduo afinal de contas o seu próprio estilo, estreitamente dependente por um lado da sua história e da sua evolução pessoais e, por outro, da organização de seu próprio cérebro que, lembremo-lo, é sempre único.^{XVIII}

Ainda de acordo com a sua interpretação, “não existe nem memória estritamente individual, nem memória estritamente coletiva”. Isso nos permite refletir que cada indivíduo fará a organização de sua memória. Nesse sentido, ela é única.

Observando esse breve debate, verifica-se que a memória coletiva é um conceito chave para o trabalho de investigação de todo historiador. Saber lidar com as limites que a memória impõe é uma tarefa delicada que exige, como destaquei anteriormente, sensibilidade profissional. É preciso ter em mente que as memórias são coletivas, construídas e também seletivas. E, se pensarmos a partir de Candau, devemos levar em consideração que a memória também é única, visto que cada cérebro organiza suas próprias impressões.

Como já destaquei não é intenção aqui fazer um debate exaustivo sobre a memória coletiva. Mas já foi possível perceber que o tema é forte, e tem grande espaço dentro dos debates historiográficos. Como afirmou o historiador francês Jacques Le Goff no livro *História e*

A MEMÓRIA COLETIVA E A HISTÓRIA DA EDITORA ALFA-OMEGA

GUSTAVO ORSOLON DE SOUZA

Memória, de 1988^{XIX}, a memória coletiva é uma questão importante, uma discussão quente das sociedades, principalmente a partir da segunda metade do século XX, sejam elas sociedades já desenvolvidas ou ainda em estágio de desenvolvimento, “lutando pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção”.^{XX}

A Memória na História Editorial: a editora Alfa-Omega como exemplo.

Refletindo a partir dos debates, fica evidente que a memória é coletiva, seletiva e construída. Mas outra inquietação se faz pertinente neste artigo: como lidar com a memória no campo da história editorial?

Em primeiro lugar posso afirmar que todo o trabalho que tem como tema o campo da história editorial lida diretamente com a questão da memória coletiva. Seja analisando os documentos escritos deixados pelo tempo, seja analisando os testemunhos.

O tema da memória coletiva fica claro quando percebemos, por exemplo, a preocupação do especialista em construir a memória do editor. Por volta de dois anos venho fazendo levantamentos de trabalhos que se dedicaram a história editorial, e observo que em todos eles a figura do editor aparece em destaque, mesmo naqueles trabalhos onde o foco maior é analisar apenas uma coleção de uma determinada editora ou mesmo um livro específico de um determinado autor.^{XXI}

A atenção dada ao editor é, na maioria das vezes, o ponto de partida ou talvez o fio condutor para esses trabalhos acadêmicos. Essa preocupação em evidenciar o editor faz sentido porque qualquer título a ser publicado passa pelo seu crivo. Ele é o grande responsável, o sujeito que age diretamente no processo de publicação da editora.

Essa preocupação em destacar o sujeito não é tão recente, podemos pensar as décadas de 1960 e 1970 como referência. A historiadora Beatriz Sarlo defende que é neste período que a “identidade dos sujeitos voltou a tomar o lugar ocupado”, ou seja, “restaurou-se a razão do sujeito, que foi, há décadas, mera ‘ideologia’ ou ‘falsa consciência”.^{XXII} A história oral ganhou força, e os testemunhos “restituíram a confiança nessa primeira pessoa que narra sua vida (privada, pública, afetiva, política) para conservar ou para reparar uma identidade machucada”.^{XXIII} Nesse contexto, percebe-se que ao destacar o editor, como um sujeito que tem uma história de vida ligada, muitas vezes, ao círculo intelectual e político, faz com que o pesquisador entenda de forma mais precisa o interesse de publicação de uma determinada coleção ou de um determinado livro, ou seja, pode-se perceber as particularidades da linha editorial de uma editora através das características desse sujeito, o editor.

Ao analisar o editor, o especialista deverá ter em mente que está lidando com a memória coletiva. Sabe-se que ele é, na maioria das vezes, um intelectual que circulou/circula em vários grupos. Portanto, para entender a sua memória, o especialista tem que estar atento ao fato de que a sua fala (no caso do editor estar vivo) ou os registros documentais (no caso do editor já ser falecido) estão embebidos de apropriações feitas ao longo da vida.

O projeto de doutorado, que venho desenvolvendo contará, em parte, com fontes orais: os testemunhos dos donos da editora Alfa-Omega.^{XXIV} O relato dos donos será o fio condutor do trabalho, o ponto de partida para se entender a história e a linha editorial da instituição. Portanto, conhecer um pouco dos possíveis grupos com os quais eles tiveram - e ainda têm - algum tipo de relação é poder reconhecer um pouco dessas apropriações, ou seja, é poder perceber, de forma implícita ou explícita, pontos que foram incorporados em suas falas a partir de algumas vivências ideológicas.

Fernando Mangarielo, e sua esposa Claudete Machado Mangarielo, que desde a abertura da editora, em 1973^{XXV}, estão juntos, poderão relatar um pouco da memória da instituição e de suas vidas privada, pública e também política. A narração do vivido pelos donos da editora

A MEMÓRIA COLETIVA E A HISTÓRIA DA EDITORA ALFA-OMEGA

GUSTAVO ORSOLON DE SOUZA

permitirá, sem dúvida, conhecer mais de perto um pouco da história institucional da Alfa-Omega, que desempenhou – e ainda desempenha – um papel importante na história política do Brasil, publicando hoje obras em diversos campos das Ciências Humanas^{XXVI}. Lembrando que na narração, a experiência ganhará forma, e o que estava silenciado ou oculto se transformará em conhecimento. Como já destacou Beatriz Sarlo:

A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepetível), mas a sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e cada variante torna a atualizar.^{XXVII}

Fernando e Claudete se mostram bastante entusiasmados em poder narrar suas experiências de vida. Suas memórias estão diretamente ligadas com a história da editora Alfa-Omega. A narração de suas experiências tornará visível, algo que por quarenta e seis anos – tempo de existência da editoria – ficou guardado apenas em suas lembranças.

Mas vale destacar que o projeto de pesquisa não é apenas voltado para a trajetória dos editores. A intenção é localizar a Alfa-Omega em um contexto mais amplo, observando o mercado editorial no Brasil na década de 1970, visto que o período é marcado por importantes editoras e também por publicações de peso.

Assim, perceberemos a singularidade do perfil da editora, que buscou seguir uma linha ideológica muito bem definida, e que é preservada até os dias de hoje. O catálogo inicial será analisado de forma cuidadosa. Como a editora não possui um registro com todos os livros publicados ao longo de sua história, encontrei no setor de periódicos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro um catálogo do ano de 1984, que contempla todos os títulos da editora nos seus primeiros 11 anos de funcionamento. Esta fonte tem sido uma peça chave para o desenvolvimento pesquisa.

Alguns títulos também ganharão uma análise especial, como por exemplo, o livro de estréia *A Ideia Republicana*, do professor Reynaldo Pessoa, e também a coleção intitulada *História Imediata*, que é composta por cinco volumes – em formato de revista – e que foi publicada mensalmente em bancas de jornal de todo o Brasil. As revistas traziam temas recentes sobre a história política, silenciada durante o censura do regime militar, principalmente depois da decretação do Ato Institucional nº 5, que proibia e reprimia a imprensa de trazer qualquer notícia que pudesse afetar o governo. A coleção *História Imediata* foi publicada entre os anos de 1978 e 1979, já em momento mais ameno do ponto de vista da censura.

Considerações finais:

Na primeira parte deste trabalho ficou claro que toda memória é coletiva, não existe uma memória individual no sentido puro da palavra. Todo indivíduo de alguma forma é influenciado pelo meio e seu posicionamento será sempre algo construído através das apropriações feitas ao longo da sua vida, através dos meios de comunicação, dos grupos os quais a pessoa pertence/pertenceu, ou seja, de toda a interferência social.

Vale lembrar que embora o testemunho seja uma ferramenta importante para o historiador entender o seu objeto de estudo, e que será muito utilizada na pesquisa que venho realizando, não é suficiente para reconstituir o passado, até porque isso não é possível. Ressaltando mais uma vez a interpretação de Sarlo, o historiador “não reconstitui os fatos do

A MEMÓRIA COLETIVA E A HISTÓRIA DA EDITORA ALFA-OMEGA

GUSTAVO ORSOLON DE SOUZA

passado (...), mas os ‘relembra’, dando-lhes assim seu caráter de passado presente, com respeito ao qual sempre há uma dívida não paga”.^{XXVIII} O que pretendo com os testemunhos dos donos, Fernando e Claudete, é trazer a lembrança da Alfa-Omega, uma instituição de atuação importante no Brasil, principalmente em um momento de muita repressão como foi o período da ditadura militar.

Na segunda parte deste artigo, tentei mostrar que memória coletiva é um conceito chave para se pensar a história editorial. Todos os estudos acadêmicos já realizados sobre editora trazem a história do editor como um dado importante para se pensar a editora como um todo, trazendo para o debate as suas lembranças, as suas memórias. Vale lembrar que tais lembranças e memórias não são ingênuas, elas resultam de apropriações feitas ao longo de suas vidas públicas e privadas através dos grupos de pertencimento.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de destacar que esse artigo não teve a intenção de fazer uma reflexão exaustiva sobre o tema. A reflexão aqui foi mostrar que a memória coletiva merece atenção dos historiadores, principalmente para aqueles que trabalham com a história editorial. Essa foi apenas uma primeira reflexão dentro de uma pesquisa ainda recente, que teve seu início no ano de 2018.

I Doutorando em História Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/FFP.

II A década de 1970 foi próspera para as editoras, principalmente para aquelas que faziam alguma oposição ao regime militar, instaurado no país em 1964. O historiador Flamarion Maués afirma que muitas editoras que já atuavam neste período como, por exemplo, Civilização Brasileira, Brasiliense e Paz e Terra, começaram a se dedicar mais a títulos de autores que faziam algum tipo de crítica à política vigente. Nesse mesmo tempo, surgiram novas editoras, que também se destacaram com esse perfil editorial crítico. Dentre elas, Maués destaca a própria Alfa-Omega, a Global, a Edições Populares, a Brasil Debates, a Ciências Humanas, a Kairós, etc.. Cf. MAUÉS, Flamarion. **Livros Contra a Ditadura: editoras de oposição no Brasil, 1974-1984**. São Paulo: Publisher Brasil, 2013. p. 13.

III Destaco alguns títulos publicados pela Alfa-Omega durante seus primeiros anos de funcionamento: **A Ideia Republicana no Brasil Através dos Documentos**, de Reynaldo Carneiro (1973); **Intuição Heurística: uma análise científica da intuição criadora**, de Jacob Bazarian (1973); **4 Cantos de Pavor e Alguns Poemas Desesperados**, de Álvaro Alves de Faria (1973); **Café e Ferrovias** (2ª ed.), de Odilon Nogueira de Matos (1974); **Castas, Estamentos e Classes Sociais: introdução ao pensamento de Marx e Weber** (2ª ed.), de Sedi Hirano (1974); **Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana**, de José Carlos Mariátegui (1975); **A Verdade Sobre a Revolução de Outubro de 1930** (2ª ed.), de Barbosa Lima Sobrinho; **Sociologia e Sociedade no Brasil**, de Octavio Ianni (1975); **A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro**, de Fernando Morais (1976); **Em Câmera Lenta**, de Renato Tapajós (1977); **A Sangue-Quente: a morte do jornalista Vladimir Herzog**, Hamilton Almeida Filho (1978); **Cuba Hoje: 20 anos de revolução**, de Jorge Escosteguy (1979); **A História me Absolverá**, de Fidel Castro (1979). Uma coleção também bastante interessante foi publicada nesses primeiros anos pela Alfa-Omega com o título de “**História Imediata**”. Esta coleção foi composta por cinco títulos: **A Guerrilha do Araguaia**, de Palmério Dória, Sérgio Buarque, Vicent Carelli e Jaime Sautchuk (1978); **A Greve na Voz dos Trabalhadores**, da Equipe da Oboré (1979); **Araceli – corrupção e sociedade**, de Carlos Alberto Luppi; **D. Paulo Evaristo Arns – o cardeal do povo**, de Getúlio Bittencourt e Paulo Sérgio Markun (1979); **A Volta da UNE – de Ibiúna a Salvador**, de Luiz Henrique Romagnoli e Tânia Gonçalves (1979).

IV Neste artigo, o ponto de partida escolhido foi o trabalho do sociólogo Maurice Halbwachs, intitulado **Memória Coletiva**, publicado em 1950. Ele é o nome mais citado no meio acadêmico. Mas, vale ressaltar que além de Halbwachs, o psicólogo e professor britânico Frederic Charles Bartlett também é uma referência importante. Bartlett é contemporâneo a Halbwachs e fez um estudo bem cuidadoso sobre a memória. O livro **Remembering, A Study in Experimental and Social Psychology**, publicado em 1932, é um exemplo. Na concepção de Myrian dos Santos, o trabalho de Bartlett é “tão importante quanto o de Halbwachs”, isso porque o psicólogo “estabeleceu os fundamentos básicos para a compreensão da memória enquanto resultado de um processo de interação entre

A MEMÓRIA COLETIVA E A HISTÓRIA DA EDITORA ALFA-OMEGA

GUSTAVO ORSOLON DE SOUZA

indivíduos e entre estes e seu meio”. Cf. SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva & Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003. p. 54.

V SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva & Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003. p. 35.

VI Idem. p. 38.

VII HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**; tradução Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990. p. 26-27.

VIII HALBWACHS, Maurice, op. cit., p.47.

IX SACKS, Olivier. **O Rio da Consciência**; tradução Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 81.

X Idem. p. 91.

XI POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 12/06/2018.

XII POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 12/06/2018.

XIII POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 11/06/2018.

XIV CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. 1ª ed. Coimbra-Portugal: Quarteto Editora, 2001. p. 16.

XV Idem. p. 20.

XVI POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 12/06/2018.

XVII A primeira edição do livro *Antropologia da Memória* é do ano de 1996, está sendo citada neste artigo, como referência, a edição de 2005.

XVIII CANDAU, Joël. **Antropologia da Memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005. p. 91.

XIX A primeira edição do livro *História e Memória* de Jacques Le Goff é do ano de 1988. Está sendo citada neste artigo, como referência, a edição de 1996.

XX LE GOFF, Jacques. **História e Memória**; tradução Bernardo Leitão... (et. al.). 4. ed. Campinas-SP: Editora Unicamp, 1996. p. 475.

XXI Destaco algumas editoras que já foram analisadas em trabalhos acadêmicos e que o editor foi evidenciado, de alguma forma, a partir de suas memórias: a editora *Civilização Brasileira*, por Luiz Renato Vieira, em 1998; a editora *Voices*, por Marcelo Ferreira Andrades, 2001; as editoras *Civilização Brasileira* e *Brasiliense*, por Andréa L. Galucio, em 2009; a editora *José Olympio*, por Angela Maria Torres Di Stasio, em 2012; a editora *José Olympio*, por Fábio Franzini, em 2006; a editora *Companhia das Letras*, por Teodoro Koracakis; a editora *Globo*, por Júnia Cristina Vieira, em 2017; a editora *Zahar*, por Danielle Rosa Paul, em 2015.

XXII SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva**; tradução Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: CIA das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 19

XXIII Idem. p. 19.

XXIV Desde a elaboração do projeto venho conversando, via e-mail e telefone, com os donos da editora Alfa-Omega. Duas visitas à sede ocorreram em 2018. Lá, pude conhecer de perto o arquivo e conversar um pouco mais com Fernando e Claudete. Na primeira visita tive a oportunidade de fotografar algumas fontes de periódicos, arquivadas em pastas. Na segunda visita ocorreu à entrevista oficial com os donos da editora.

XXV Vale destacar que a experiência de Fernando Mangarielo com o mercado de livros não se iniciou em 1973, com a abertura da editora. Seu contato com os livros vem antes, em meados da década de 1960. Em 1968, por exemplo, ele atuou como livreiro na Banca da Cultura, que funcionava no Conjunto Residencial da USP (CRUSP). Cf. REIMÃO, Sandra; MAUÉS, Flamarion; NERY, João Elias. Alfa-Omega: o pensamento crítico em livros. In: **Revista Intercom**, vol. 38, n. 01. São Paulo, 2015. p. 169-190 Acesso em: 10/07/2018. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/issue/view/140>.

XXVI No site da Alfa-Omega, logo na página de abertura, aparecem os campos de interesse da editora. São eles: “História, Sociologia, Política, Filosofia, Economia, Clássicos do Marxismo, Pluralismo Jurídico, Literatura Brasileira, Literatura Estrangeira”. Disponível via internet: <https://site.alfaomega.com.br/>. Acesso em 29/07/2018.

XXVII SARLO, Beatriz, op. cit., p. 24-25.

XXVIII Idem. p. 28.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Site:

Editora Alfa-Omega: <https://site.alfaomega.com.br/>. Acesso em 29/07/2018.

Bibliografia:

CANDAU, Joël. **Antropologia da Memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. 1ª ed. Coimbra-Portugal: Quarteto Editora, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**; tradução Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**; tradução Bernardo Leitão... (et. al.). 4. ed. Campinas-SP: Editora Unicamp, 1996.

MAUÉS, Flamarion. **Livros Contra a Ditadura: editoras de oposição no Brasil, 1974-1984**. São Paulo: Publisher Brasil, 2013.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 12/06/2018.

_____. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 11/06/2018.

REIMÃO, Sandra; MAUÉS, Flamarion; NERY, João Elias. Alfa-Omega: o pensamento crítico em livros. In: **Revista Intercom**, vol. 38, n 01. São Paulo, 2015. p. 169-190 Acesso em: 10/07/2018. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/issue/view/140>.

SACKS, Olivier. **O Rio da Consciência**; tradução Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva**; tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: CIA das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva & Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.